

UBU REI
ou Os Poloneses
Drama em cinco atos
(1896)
de Alfred JARRY
tradução Ferreira Gullar

PERSONAGENS

Pai Ubu
Mãe Ubu
Capitão Bordadura
Rei Venceslau
Rainha Rosamunda
Boleslau
Ladislau
Bugrelau
General Lascy
Stanislau Sobieski
Imperador Alexis
Girão
Pila
Cotica
Conjurados e Soldados
Povo
Miguel Federovitch
Nobres
Magistrados
Conselheiros
Financistas
Guardas de Finanças
Camponeses
Exército Russo
Exército Polônês
Os Guardas de Mãe Ubu
Um Capitão
Um Urso
O Cavalo de Finanças
A Máquina de Decapitar
A Equipagem
O Comandante

1º ATO

CENA 1
Pai Ubu, Mãe Ubu

PAI UBU – Merdra!

MÃE UBU – Que coisa mais engraçada, Pai Ubu. Tu és um grosso!

PAI UBU – Mãe Ubu, Mãe Ubu, ainda te mato de pancada!

MÃE UBU – Não é a mim que deves matar, mas a outra pessoa.

PAI UBU – Juro pelos meus chifres¹ que não estou entendendo!

MÃE UBU – Vais me dizer, agora, que te consideras um homem realizado.

PAI UBU – Por meus chifres, merdra madame, claro que me considero. Ou pelo menos, poderia me considerar: capitão de Dragões, oficial de confiança do rei Venceslau, condecorado com a Ordem da Águia Vermelha da Polônia e antigo rei de Aragão, que queres mais?

MÃE UBU – O que?! Depois de teres sido rei de Aragão, te dás agora por satisfeito em passar em revista cinco dezenas de lacaios armados de facão de cozinha? Isso quando poderias por em cima da cuca, depois da coroa de Aragão, a coroa da Polônia!

PAI UBU – Não sei aonde pretendes chegar.

MÃE UBU – De burro que és!

PAI UBU – Mas por meus chifres, Mãe Ubu, o rei Venceslau ainda está aí vivinho da silva! E, mesmo que morra, tem filhos, uma legião de filhos.

¹ *De par ma chandelle verte* é a expressão de Jarry, intraduzível, referência a uma peça escrita por ele quando estudante. Essa expressão aparecerá várias vezes na peça. como uma espécie de idiossincrasia de Ubu. Pode-se admitir outras intenções de Jarry, como referência a *tenir la chandelle*: agir como corno manso.

MÃE UBU – E quem te impede de trucidar toda a família e usurpar o trono?

PAI UBU – Escuta aqui, Mãe Ubu: mais um insulto desses e te visto um pijama de madeira.

MÃE UBU – Infeliz, se me vestes um pijama de madeira, quem é que vai remendar teus fundilhos?

PAI UBU – Ih, é mesmo! Mas e daí? Minha bunda não é melhor que a dos outros.

MÃE UBU – Pois se essa bunda fosse minha, trataria de sentá-la num trono. Poderias aumentar infinitamente tuas posses, comer lingüiça quando te desse vontade e passar de coche pelas ruas...

PAI UBU – Se eu fosse rei de novo, mandaria fazer para mim uma enorme capelina² igual àquela que tinha em Aragão e que os vigaristas dos espanhóis me roubaram descaradamente.

MÃE UBU – Poderias comprar um guarda-chuva e uma japona comprida até os calcanhares.

PAI UBU – Entrego os pontos, não resisto à tentação. Aquele velhaco de merdra, merdra de velhaco, se o pegasse sozinho num bosque, ah, ele passaria um mau quarto de hora!

MÃE UBU – Isso sim, Pai Ubu, agora falas como um homem de verdade!

PAI UBU – Não, não dá pé! Eu, capitão de Dragões, matar o rei da Polônia? Antes a morte!

MÃE UBU (*à parte*) – Que merdra! (*alto*) Desse jeito vais continuar miserável como um rato.

PAI UBU - Pela pança de Deus, por meus chifres, prefiro ser um miserável rato, magro mas bonzinho, do que ser rico como um rato gordo e malvado.

MÃE UBU – E a capelina, Pai Ubu? E o guarda chuva? E a japona?

PAI UBU – Ora, não enche, Mãe Ubu! (*Sai batendo a porta*)

MÃE UBU – Vôtre, merdra, não está fácil dobrá-lo, merdra, mas tenho certeza que o conseguirei. Graças a Deus e a mim mesma, dentro talvez de uns oito dias, serei a rainha da Polônia.

CENA 2

Pai Ubu, Mãe Ubu

A cena se passa numa sala da casa de Pai Ubu onde a mesa está posta para um banquete.

MÃE UBU – Nossos convidados estão demorando muito.

PAI UBU – É mesmo, por meus chifres! Morro de fome. Estás horrenda, Mãe Ubu. Será que é por que vamos receber visitas hoje?

MÃE UBU (*Dando de ombros*) – Merdra!

PAI UBU (*Pegando um frango assado*) – Puxa, que fome! Vou dar uma dentada nesse bicho. Parece frango. Não está mal.

MÃE UBU – Que estás fazendo, desgraçado? Que é que os convidados vão comer?

PAI UBU – Sobrará bastante para eles. Não tocarei em mais nada. Mãe Ubu, dá uma espiada pela janela, vê se já estão chegando.

MÃE UBU (*Chegando à janela*) – Nem sinal. (*Enquanto isso, Pai Ubu rouba um pedaço de vitela*) Enfim o capitão Bordadura³ e seus companheiros! Que estás comendo aí, Pai Ubu?

PAI UBU – Eu? Nada, um pedacinho de vitela.

MÃE UBU – Meu Deus, a vitela! A vitela! Ele comeu a vitela! Socorro!

PAI UBU – Juro por meus chifres, que vou te arrancar os olhos!

(*Abre-se a porta*)

² Capelina – peça da armadura usada para proteger a cabeça na Idade Média.

³ Bordadura, *Bordure*. Termo de Heráldica: faixa estreita que contorna o escudo.

CENA 3

Pai Ubu, Mãe Ubu, Capitão Bordadura e seus companheiros

MÃE UBU – Bom dia, senhores, já estávamos impacientes. Sentem-se por favor.

BORDADURA – Bom dia, madame. Mas onde está Pai Ubu?

PAI UBU – Aqui mesmo, meu caro. Credo em cruz, por meus chifres, até que não sou tão magro assim.

BORDADURA – Bom dia, Pai Ubu. Sentem-se, rapazes. (*Sentam-se todos*)

PAI UBU – Êta, um pouco mais e a cadeira desmanchava.

BORDADURA – Mas, Mãe Ubu, o que é que você tem de bom pra nós?

MÃE UBU – Ouçam o menu.

PAI UBU – Oba, isso me interessa.

MÃE UBU – Sopa polonesa, costelas de ratrão⁴, vitela, frango, *pâté* de cachorro, sobreco de peru, compota russa...

PAI UBU – Suponho que seja o bastante. Ou ainda há mais?

MÃE UBU – Bomba, salada, frutas, carne cozida, topinambor, couve-flor à la merdra.

PAI UBU – Ei, você pensa que eu sou um paxá para arcar com tamanha despesa?

MÃE UBU – Não liguem, ele é um imbecil.

PAI UBU – Espera aí que eu vou afiar meus dentes nas tuas canelas.

MÃE UBU – Come primeiro, Pai Ubu. É a sopa.

PAI UBU – Ai, velhaca! Que troço ruim!

BORDADURA – Realmente, não está bom.

MÃE UBU – Cambada de judeus, que querem mais?

PAI UBU (*Batendo na testa*) – Tenho uma idéia. Volto já. (*Sai*)

MÃE UBU – Senhores, vamos à vitela.

BORDADURA – Deliciosa, já terminei.

MÃE UBU – Agora, aos sobrecus.

BORDADURA – Um sabor requintado! Viva Mãe Ubu!

TODOS – Viva Mãe Ubu!

PAI UBU (*de volta*) – Daqui a pouco, estarão gritando viva Pai Ubu. (*Traz uma enorme vassoura que sacode sobre a mesa do banquete*)

MÃE UBU – Que está fazendo, miserável?

PAI UBU – Provem, provem. (*Vários provam e caem envenenados*) Mãe Ubu, passe-me as costeletas de ratrão, que eu mesmo sirvo.

MÃE UBU – Toma.

PAI UBU – Pra fora, todo mundo! Capitão Bordadura, quero falar com você.

OS OUTROS – Mas ainda não comemos.

PAI UBU – Como não comeram?! Pra fora todos! Bordadura, você fica. (*Ninguém se move*)

PAI UBU – Não vão embora, é? Juro por meus chifres que vou rebentá-los a golpes de costeleta de ratrão (*Começa a jogar as costeletas neles*)

TODOS – Pára com isso! Socorro! Ajudem-nos! Desgraça! Ele me mata!

PAI UBU – Merdra, merdra, merdra. Rua! Estou no meu papel.

TODOS – Salve-se quem puder! Pai Ubu miserável! Tarado! Traidor! Tratante!

⁴ *Côtes de rastron*. Nossa tradução é arbitrária em sua referência a rato. A expressão de Jarry alude possivelmente a um colega de ginásio.

PAI UBU – Enfim, se foram! Agora posso respirar, mas comi muito mal. Vem cá, Bordadura. *(Saem os dois com Mãe Ubu)*

CENA 4

Pai Ubu, Mãe Ubu, Capitão Bordadura

PAI UBU – E então capitão, comeu bem?

BORDADURA – Sim, bem, menos a merdra.

PAI UBU – Ué, até que a merdra não estava ruim.

BORDADURA – Gosto não se discute.

PAI UBU – Capitão Bordadura, estou disposto a fazê-lo Duque de Lituânia.

BORDADURA – Mas como? Julgava que o senhor estivesse na... merdra, Pai Ubu.

PAI UBU – Modéstia à parte, capitão, dentro de alguns dias reinarei sobre a Polônia.

BORDADURA – Vai matar Venceslau?

PAI UBU – Até que esse velhaco não é de todo burro, adivinhou.

BORDADURA – Se se trata de matar Venceslau, pode contar comigo. Sou seu inimigo mortal e respondo por seus homens.

PAI UBU *(Jogando-se sobre ele para abraçá-lo)* – Ah, como gosto de você, Bordadura!

BORDADURA – Não, Pai Ubu, você fede demais. Nossa mãe! Nunca toma banho?

PAI UBU – Raramente.

MÃE UBU – Nunca.

PAI UBU – Piso teu pé, ouviu?

MÃE UBU – Merdralhão!

PAI UBU – Bem, Bordadura, estamos acertados. Pode ir. Juro por meus chifres, pela Mãe Ubu, que farei de você Duque de Lituânia.

MÃE UBU – Mas...

PAI UBU – Cala essa boca, meu anjo... *(Saem)*

CENA 5

Pai Ubu, Mãe Ubu, um mensageiro

PAI UBU – Que deseja o senhor? Vá-se embora e não chateie.

MENSAGEIRO – Senhor, o rei manda chamá-lo. *(Sai)*

PAI UBU – Que merdra! *Jarnicotonbleu*⁵, por meus chifres, fui descoberto, vou ser decapitado, ai meu Deus, coitado de mim!

MÃE UBU – Que homem frouxo! E o tempo urge.

PAI UBU – Ah, já sei: vou dizer que foi coisa de Mãe Ubu e de Bordadura.

MÃE UBU – Ah, seu grande PU, se tu te atreveres...

PAI UBU – Se me atrevo? Eu vou agora mesmo. *(Sai)*

MÃE UBU *(Correndo atrás dele)* – Pai Ubu, Pai Ubu, vem cá! Te dou lingüiça, Pai Ubu *(Ela sai)*

PAI UBU *(Fora de cena)* – Vai à merdra! Não vai mais botar banca comigo, sua lingüiça!

CENA 6

Palácio do Rei

Rei Venceslau, rodeado de oficiais, Bordadura, os filhos do rei: Boleslau, Ladislau e Bugrelau. Depois Pai Ubu.

⁵ *Jarnicotonbleu* – *jarni*, espécie de juramento que os autores cômicos franceses punham na boca dos camponeses, corruptela da expressão *je rénie* (eu renego) acrescida da palavra *bleu* por *dieu*. Henrique IV tinha a mania de exclamar a todo momento *jarnidieu* (renego Deus). Seu professor, o Padre Coton, mostrou-lhe a inconveniência da expressão, pedindo-lhe que passasse a exclamar *jarnicoton* (renego Coton). Jarry coloca ao final a palavra *bleu* – *jarnicotonbleu* – reafirmando a heresia que o padre Coton quis evitar e fazendo alusão a *Cordon Bleu*, célebre ordem de Cavalaria.

PAI UBU (*Entrando*) – Sabeis muito bem que não tenho nada a ver com isso. Foi Mãe Ubu e Bordadura.

REI – Que há contigo, Pai Ubu?

BORDADURA – Bebeu demais.

REI – Como eu, esta manhã.

PAI UBU – É, estou um pouco tonto, abusei do vinho francês.

REI – Pai Ubu, quero recompensar-te pelos incontáveis serviços que prestaste como capitão de Dragões, fazendo-te hoje mesmo conde Sendomir.

PAI UBU – Majestade, não sei como agradecer-vos.

REI – Nada tens que agradecer, Pai Ubu, e estejas amanhã de manhã na solenidade de revista às tropas.

PAI UBU – Lá estarei, mas aceite, por favor, esta flautinha de presente. (*Mostra ao rei uma flauta*)

REI - Que vou fazer com uma flauta, Pai Ubu? Darei a Bugrelau.

BUGRELAU – Esse Pai Ubu é um boboca.

PAI UBU – E agora me arranco... (*Cai, ao se voltar*) Ui, ai! Socorro! Por meus chifres! Acho que rompi os intestinos e quebrei a bunda!

REI (*Levantando-o*) – Estás machucado, Pai Ubu?

PAI UBU – Creio que sim, majestade, vou morrer na certa. Que vai ser de Mãe Ubu?

REI – Não se preocupe, o sustento dela está assegurado, Pai Ubu.

PAI UBU – Sois a bondade em pessoa. (*Venceslau sai*) É, rei Venceslau, mas nem por isso escaparás da morte.

CENA 7

Casa de Pai Ubu

Girão, Pila, Cotica, Pai Ubu, Mãe Ubu, conspiradores e soldados, Capitão Bordadura.

PAI UBU – Caros amigos, já é tempo de estabelecermos o plano da conspiração. Cada um deve dar sua opinião. Darei a minha primeiro, se os senhores permitirem.

BORDADURA – Fale, Pai Ubu.

PAI UBU – Pois bem, meus amigos, sou de opinião que se deve simplesmente envenenar o rei, misturando-lhe arsênico na comida. Quando se empanturrar, cairá morto, e eu me tornarei rei da Polônia.

TODOS – Assim também não, é muita sordidez!

PAI UBU – Ué, não gostaram? Então que opine o Bordadura.

BORDADURA – Na minha opinião, devemos matá-lo com um golpe de espada que o abra ao meio, da cabeça à cintura.

TODOS – Muito bem! Isso é agir com nobreza e bravura.

PAI UBU – E se ele cair de pontapés em vocês? Estou me lembrando agora que para passar em revista as tropas, ele usa uns sapatos de ferro que podem fazer estrago na canela dum. Eu devia era denunciar vocês todos para me safar desse negócio sujo, e estou certo de que o rei ainda me daria dinheiro por isso.

MÃE UBU – Traidor, covarde, vilão, sórdido interesseiro!

TODOS – Vamos cuspir nele, pessoal!

PAI UBU – Calma, senhores, muita calma, se não queren visitar meu papo⁶. Está bem,

⁶ Traduzimos *mes pochés* por *meu papo*, que é uma das acepções da palavra. É preciso ter sempre em mente que Pai Ubu não é propriamente um homem, mas um ser monstruoso, pré-humano (Ubu vem de Ybex, morcego, e de Hibou, mocho). A palavra *poche* (bolso, papo) guarda na língua original sua dupla significação já que Ubu traz

consinto em me expor a todos os riscos por vocês. Sendo assim, Bordadura, tu te encarregas de abrir o rei ao meio.

BORDADURA – Não seria melhor nos jogarmos todos ao mesmo tempo em cima dele, berrando e lhe dando dentadas? Assim, seria mais fácil de arrastar conosco as tropas.

PAI UBU – Está bem. Eu me encarrego de pisar o pé dele. Vai achar ruim e então eu lhe responderei: MERDRA – e essa será a senha para que vocês ataquem.

MÃE UBU – Sim, e logo que ele esteja morto, pegará o cetro e a coroa.

BORDADURA – E eu então sairei com meus homens em perseguição à família real.

PAI UBU – Certo, e te recomendo especialmente o jovem Bugrelau. (*Saem*)

PAI UBU (*Correndo atrás deles e fazendo-os voltar*) – Senhores, esquecemos uma cerimônia indispensável. Temos de jurar que todos nós lutaremos com desprendimento.

BORDADURA – Como vamos fazer o juramento se não há um padre aqui?

PAI UBU – Mãe Ubu fará as vezes do padre.

TODOS – Bem, vá lá.

PAI UBU – Juram que matarão o rei?

TODOS – Juramos. Viva Pai Ubu!

2º ATO

CENA 1

Palácio do Rei.

Venceslau, a rainha Rosamunda, Ladislau e Bugrelau.

REI – Senhor Bugrelau, foi muito impertinente a maneira como vos comportastes esta manhã com o senhor Ubu, cavaleiro de minhas Ordens e conde de Sendomir. Por essa razão, proíbo-

vos de comparecer, hoje, à cerimônia de revista às tropas.

RAINHA – Em compensação, Venceslau, não tereis lá bastante gente de vossa família para vos defender.

REI – Senhora, jamais volto atrás em minha palavra. Vossas tolices me aborrecem.

BUGRELAU – Senhor meu pai, submeto-me às vossas ordens.

RAINHA – Quer dizer, Senhor, que estais mesmo disposto a ir a essa cerimônia?

REI – Por que não?

RAINHA – Não vos contei o outro sonho que tive em que éreis trucidado e jogado no Vístula? E que uma águia igual à que figura nas armas da Polônia colocava a coroa na cabeça dele?

REI – Dele quem?

RAINHA – Pai Ubu.

REI – Que loucura! O senhor Ubu é um fidalgo muito digno que obedece cegamente às minhas ordens.

RAINHA e BUGRELAU – Quanto equívoco!

REI – Cala essa boca, jovem porcalhão. Quanto à senhora, para vos mostrar quão pouco temo o senhor Ubu, irei à revista das tropas como estou aqui, sem armas e sem espada.

RAINHA – Fatal imprudência, não tornarei a vê-lo vivo.

REI – Ladislau, Boleslau, vinde comigo.

(*Saem. A Rainha e Bugrelau vão até a janela*)

RAINHA E BUGRELAU – Que Deus os guarde e o grande São Nicolau.

RAINHA – Bugrelau, vem comigo à capela. Vamos rezar por teu pai e teus irmãos.

sempre seu “bastão de física” metido no bolso, conforme as indicações e os desenhos de Jarry.

CENA 2

Pátio de revistas.

Exército polonês, Rei, Boleslau, Ladislau, Pai Ubu, Capitão Bordadura e seus homens, Girão, Pila, Cotica⁷

REI – Nobre Pai Ubu, acompanhai-me com vossa comitiva para inspecionarmos as tropas.

PAI UBU - *(aos seus)* Atenção, vocês aí. *(ao Rei)* Vamos, majestade, vamos. *(Os homens de Ubu cercam o Rei)*

REI – Este é o regimento de guardas montados de Dantzick. Uma tropa exemplar, na minha opinião.

PAI UBU – O senhor acha? Pois me parecem mendigos. Olhe aquele ali. *(ao soldado)* Seu tratante, há quanto tempo não fazes a barba?

REI – Mas esse soldado está impecável. Que há com o senhor, Pai Ubu?

PAI UBU – Isto! *(Pisa-lhe o pé)*

REI – Miserável!

PAI UBU – MERDRA! Soldados, comigo!

BORDADURA – Hurrah! Avançar! *(Todos atacam o rei, um Palhadino⁸ se exalta)*

REI – Ai, Socorro! Santa Virgem, estou morrendo.

BOLESLAU – *(a Ladislau)* Que se passa? Lutemos.

PAI UBU – É minha, a coroa! Agora, os outros!

BORDADURA – Abaixo os traidores! *(Os filhos fogem, todos os perseguem)*

CENA 3

A Rainha e Bugrelau.

RAINHA – Vejo que meus temores eram infundados.

BUGRELAU – Claro. A senhora não tinha motivo algum para preocupar-se.

(Vem de fora uma zoadada assustadora)

BUGRELAU – Veja! Pai Ubu e seus homens perseguem meus dois irmãos.

RAINHA – Deus do Céu! Virgem Santa, vão alcançá-los!

BUGRELAU – O exército inteiro acompanha Pai Ubu. O rei não está mais lá. Que desgraça! Socorro!

RAINHA – Mataram Boleslau! Uma bala o atingiu.

BUGRELAU – Ladislau! *(Ele se volta)* Coragem, defende-te!

RAINHA – Oh! Ele está cercado.

BUGRELAU – Veja! Bordadura acaba de cortá-lo em dois feito uma salsicha.

RAINHA – Pobre de mim! Os rebeldes invadem o palácio, sobem as escadas.

(O tumulto aumenta)

RAINHA e BUGRELAU – Deus do céu, defendei-nos!

BUGRELAU – Arre, Pai Ubu! Se eu pegasse esse miserável...

CENA 4

Os mesmos. A porta é arrombada. Pai Ubu entra seguido dos sublevados.

PAI UBU – Bugrelau, que pretendes fazer agora?

BUGRELAU – Juro que defenderei minha mãe até à morte! O primeiro que der um passo à frente morrerá!

PAI UBU – Bordadura, Bordadura, estou com medo! Quero ir embora.

UM SOLDADO *(Avança)* – Entrega-te, Bugrelau!

⁷ *Giron, Pile, Cotice* são termos de Heráldica.

⁸ *Palotin*. Montagem jarriniana da palavra *palatin* (paladino) com *palot* (boçal).

BUGRELAU – Toma, atrevido! É o que mereces! (*Parte-lhe o crânio*)

RAINHA – Boa, Bugrelau, isso mesmo!

VÁRIOS AVANÇAM – Bugrelau, prometemos poupar-te a vida.

BUGRELAU – Bandidos, beberrões, mercenários sórdidos!

(*Gira a espada em torno, provocando um massacre*)

PAI UBU – Nossa! Vou me arrancar daqui de qualquer jeito.

BUGRELAU – Foge, mãe, sai pela escada secreta.

RAINHA – E tu, meu filho, e tu?

BUGRELAU – Irei já.

PAI UBU – Peguem a rainha, ela está fugindo. Quanto a ti, miserável! (*Avança para Bugrelau*)

BUGRELAU – Deus é grande! Agora me vingou! (*Descose-lhe a barriga com terrível golpe de espada*) Estou indo, mãe! (*Desaparece pela escada secreta*)

CENA 5

**Uma caverna nas montanhas.
Bugrelau entra seguido da rainha.**

BUGRELAU – Aqui estaremos seguros.

RAINHA – Creio que sim. Bugrelau, ajuda-me. (*Ela cai na neve*)

BUGRELAU – Mãe, estás te sentindo mal?

RAINHA – Estou muito doente. Não terei mais que duas horas de vida.

BUGRELAU – Que estás sentindo, mãe? Terá sido o frio?

RAINHA – Como queres que eu resista a tantos golpes? O rei assassinado, nossa família destruída, e tu, representante da mais nobre

raça que já empunhou uma espada, forçado a se esconder nas montanhas como um bandido.

BUGRELAU – É por culpa de quem, meu Deus? De quem? Desse abjeto Pai Ubu, aventureiro saído não se sabe de onde, crápula dos mais vis, mísero vagabundo! E quando penso que meu pai o condecorou e fez dele conde e que, no dia seguinte, esse bandido não teve pejo de erguer o braço contra ele.

RAINHA – Oh, Bugrelau! Quando me lembro o quanto éramos felizes antes da chegada de Pai Ubu! Mas agora, ai de mim, tudo mudou!

BUGRELAU – Calma. Tenhamos esperança e não renunciemos jamais aos nossos direitos.

RAINHA – É o que deves fazer, meu caro filho, mas para mim está tudo terminado, não verei um novo dia de felicidade.

BUGRELAU – Mãe, que tens? Ela empalidece, desmaia, socorro! Mas estou num deserto! Oh, meu Deus, o coração dela parou de bater. Está morta. Será possível? Mais uma vítima de Pai Ubu. (*Esconde o rosto nas mãos e chora*) Oh, Deus, como é terrível se ver sozinho aos quatorze anos e tendo sobre os ombros o encargo de uma terrível vingança!

(*Cai em profunda prostração. Enquanto isso, as almas de Venceslau, Boleslau, Ladislau e Rosamunda, seguidas de seus ancestrais, entram na caverna. O mais velho se aproxima de Bugrelau e o chama docemente*)

BUGRELAU – Que vejo? Minha família inteira, meus ancestrais... É um milagre!

SOMBRA – Bugrelau, quando vivo fui o Senhor Mathias de Konigsberg, o primeiro rei e o fundador de nossa Casa. Confio-te a missão de nos vingar. (*Entrega-lhe uma enorme espada*) E que esta espada que te entrego não tenha repouso enquanto viver o usurpador.

(*Todos desaparecem e Bugrelau fica só em atitude de transe*)

CENA 6

Palácio do Rei.

Pai Ubu, Mãe Ubu e Capitão Bordadura

PAI UBU – Não, nem um tostão! Queres me arruinar por causa desses idiotas?

BORDADURA – Entenda, Pai Ubu, o povo espera algo de bom, um gesto generoso.

MÃE UBU - Ou mandas dar carne e ouro ao povo, agora, ou estarás deposto em menos de duas horas.

PAI UBU – Carne, sim! Ouro não! Abatam três cavalos velhos, e esses berdas-merdras que se dêem por muito satisfeitos.

MÃE UBU - O principal berda-merdra aqui és tu mesmo. Como pode existir, meu Deus, semelhante besta?

PAI UBU – Escutem mais uma vez: quero ficar rico, entenderam? Não soltarei um vintém.

MÃE UBU - Isso quando temos nas mãos todos os tesouros da Polônia.

BORDADURA – É verdade. Sei de um imenso tesouro que há na capela. Vamos distribuí-lo ao povo.

PAI UBU – Ah, miserável, se fizeres isso!

BORDADURA – Mas, Pai Ubu, se não dás nada ao povo, ele não pagará os impostos.

PAI UBU – Isso é verdade?

MÃE UBU - Mas claro!

PAI UBU – Neste caso, topo tudo. Tragam quatro milhões em moeda, cozinhem cento e cinquenta bois e carneiros. Quanto mais comida melhor, sobrará pra mim também. *(Saem)*

CENA 7

Pátio do palácio cheio de gente do povo. Pai Ubu coroadado, Mãe Ubu, Bordadura, criados carregados de carne.

POVO – Olha lá o rei! Viva o rei! Vivaaaa!

PAI UBU *(Jogando ouro)* – Tomem, é pra todos. Não acho nenhuma graça em dar meu ouro a vocês mas, sabem como é, Mãe Ubu

quis dar. Prometam, pelo menos, que pagarão os impostos.

TODOS – Pagaremos! Pagaremos!

BORDADURA – Mãe Ubu, veja como eles disputam o ouro. É uma verdadeira batalha.

MÃE UBU - Coisa horrível. Veja aquele lá com o crânio partido.

PAI UBU – Que espetáculo maravilhoso! Tragam mais caixas de ouro, tragam.

BORDADURA – E se promovêssemos uma disputa?

PAI UBU – Boa idéia. Uma corrida. *(Ao povo)* Amigos, aqui está uma caixa cheia de ouro. Ela contém trezentos mil nobres-da-rosa em ouro, moeda polonesa de bom quilate. Os que desejarem participar da disputa coloquem-se no fim do pátio. Quando eu der o sinal com o lenço, comecem a correr, e quem chegar primeiro ganhará a caixa de ouro. Quanto aos demais, terão como consolação esta outra caixa que será dividida entre todos.

TODOS – Viva Pai Ubu! Rei bom está aí! No tempo de Venceslau, a gente não ganhava tanto dinheiro.

PAI UBU *(à Mãe Ubu, entusiasmado)* – Ouve o que eles dizem!

(Todo o povo vai se colocar no fundo do pátio)

PAI UBU – Um, dois, três. Todos a postos?

TODOS – Sim, sim!

PAI UBU – Já!

(Partem uns tentando derrubar os outros. Gritos e tumulto)

BORDADURA – Estão chegando! Estão chegando!

PAI UBU – Ei! O primeiro homem está perdendo terreno.

MÃE UBU – Não, ele reage agora.

BORDADURA – Ih, vai perder, vai perder! Pronto, venceu o outro!

(O que estava em segundo lugar vence a corrida)

TODOS – Viva Miguel Federóvitch! Viva Miguel Federóvitch!

MIGUEL – Senhor, não sei como agradecer a Vossa Majestade...

PAI UBU – Ora, meu amigo, não tem de que. Leva tua caixa de ouro pra casa, Miguel. E vocês, dividam esta outra, cada um tira uma moeda de cada vez, até acabar.

TODOS - Viva Miguel Federóvitch! Viva Pai Ubu!

PAI UBU – E agora, meus amigos, vamos comer! Abro-lhes as portas do palácio, façam o favor de ocupar seus lugares à minha mesa!

POVO – Entra, pessoal, entra! Viva Pai Ubu! Viva o mais nobre dos soberanos!

(Entram no palácio. Ouve-se o barulho da orgia que se prolonga até o dia seguinte. Cai o pano)

3º ATO

CENA 1

No Palácio. Pai Ubu, Mãe Ubu.

PAI UBU – Pelos meus chifres, assim como me vêes, sou o rei deste país! Já me permiti uma indigestão e estou esperando chegar minha grande capelina.

MÃE UBU – De que mandaste fazê-la? Não é por sermos reis, que vamos agora esbanjar dinheiro.

PAI UBU – Minha cara senhora, mandei fazer a capelina em couro de carneiro com presilha e bridas em couro de cão.

MÃE UBU – Deve ficar bonito, mas nada é mais bonito do que a gente ser rei!

PAI UBU - Tinhas toda a razão, Mãe Ubu.

MÃE UBU – Temos uma dívida de gratidão para com o Duque de Lituânia.

PAI UBU – Com quem?

MÃE UBU – Ué, com o capitão Bordadura.

PAI UBU – Por favor, não me fales desse idiota. Já não preciso dele pra nada, vai ficar chupando o dedo, não lhe darei ducado algum.

MÃE UBU – Cometes um erro, Pai Ubu. Ele se voltará contra ti.

PAI UBU – E eu vou chorar por isso! Esse pobre diabo me preocupa tanto quanto Bugrelau.

MÃE UBU – E pensas que já liquidaste Bugrelau?

PAI UBU – Claro que sim, espada-de-finanças! Que poderá fazer contra mim um bostinha de quatorze anos?

MÃE UBU – Ouve o que te digo. Trata de atrair Bugrelau para o teu lado.

PAI UBU – Dar mais dinheiro ainda? Essa não. Basta os vinte e dois milhões que me fizeste desperdiçar.

MÃE UBU – Bem, faz o que te der na veneta, mas ele acabará te jantando, Pai Ubu.

PAI UBU – Ótimo! Estarás comigo na mesma panela.

MÃE UBU – Escutas uma vez mais: estou convencida de que Bugrelau vai terminar ganhando a parada, pois tem de seu lado o direito legítimo.

PAI UBU – Ah, vigarice! E o direito ilegítimo não vale o legítimo? Tu me insultas, Mãe Ubu, vou te fazer em pedaços. *(Mãe Ubu foge perseguida por Pai Ubu.)*

CENA 2

Salão do palácio

Pai Ubu, Mãe Ubu, oficiais e soldados, Girão cotica, nobres algemados, financistas, magistrados, tabeliões.

PAI UBU – Tragam o tambor-dos-nobres e o gancho-dos-nobres e o cutelo-dos-nobres e o livro-dos-nobres!⁹ Em seguida, façam entrar os nobres.

MÃE UBU – Moderação, Pai Ubu, por favor.

PAI UBU – Tenho a honra de vos anunciar que, para enriquecer o reino, vou mandar liquidar todos os nobres e confiscar-lhes os bens.

NOBRES – Horror! Povo, soldados, sublevemo-nos!

PAI UBU – Tragam o primeiro nobre e me passem aqui o gancho-dos-nobres. Os que forem condenados à morte serão jogados no alçapão, cairão no subsolo do Chucha-Porco e no Tribunal dos Vinténs, onde se lhes rebentará os miolos. (*Ao nobre*) Quem és tu idiota?

NOBRE – Conde de Vitepsk.

PAI UBU – A quanto montam tuas rendas?

NOBRE – Três milhões de rixdales.

PAI UBU – Condenado! (*Prende-o no gancho e puxa-o para o alçapão*)

MÃE UBU – Que ferocidade bestial!

PAI UBU – Segundo nobre, quem és tu? (*O nobre não responde*). Não vais responder, idiotra?

NOBRE – Grão-Duque de Posen.

PAI UBU – Excelente! Excelente! Não percamos tempo. Alçapão com ele. Terceiro nobre, quem és? Tens uma cara desonesta.

NOBRE – Duque de Courlande, das cidades de Riga, Revel e Mitau.

PAI UBU – Muito bem! Muito bem! Possuis mais alguma coisa?

NOBRE – Nada.

PAI UBU – Para o alçapão, então. Quarto nobre, quem és?

NOBRE – Príncipe de Podolia.

PAI UBU – Quais são tuas rendas?

NOBRE – Estou arruinado.

PAI UBU – Por causa dessa frase desagradável irás para o alçapão, vá! Quinto nobre, quem és tu?

NOBRE – Margrave de Thorn, paladino de Polock.

PAI UBU – É muito pouco. Não tens mais nada?

NOBRE – Isso me bastava.

PAI UBU – Claro, antes pouco do que nada. Alçapão! Estás querendo tirar uma casquinha, Mãe Ubu?

MÃE UBU – És cruel demais, Pai Ubu.

PAI UBU – Oba! Estou rico. Vou mandar ler a lista de *Meus* bens. Tabelião, a lista de *Meus* bens.

TABELIÃO – Condado de Sendomir.

PAI UBU – Comece pelos principados, seu estúpido!

TABELIÃO – Principado de Podolia, grão-ducado de Posen, ducado de Courlande, condado de Sendomir, condado de Vitepsky, palatinado de Polock, margraviato de Thorn.

PAI UBU – E que mais?

TABELIÃO – Acabou

PAI UBU – Como acabou?! Bem, então, avancem os nobres, e como não vou mesmo parar de enriquecer, mandarei executar todos os nobres, e assim ficarei com seus bens.

⁹ Uma das “violências” do universo verbal de Jarry é essa sarcástica atribuição de especialidade a cada instrumento. Assim, se o tambor que anuncia os nobres é o tambor-dos-nobres, o gancho que Pai Ubu usará para arrastá-los até o alçapão é o gancho-dos-nobres e o cutelo que os decapitará é o cutelo-dos-nobres. Adiante teremos a espada-de-cortar-merdra, a tesoura-de-cortar-orrelhas, a faca-de-cortar-cara etc.

Vamos joguem os nobres no alçapão. (*Os nobres são empilhados no alçapão*)

PAI UBU – Depressa, que eu agora quero legislar.

VÁRIOS – Vamos ver isso.

PAI UBU – Vou primeiro reforçar a Justiça, após o que cuidaremos das finanças.

VÁRIOS JUÍZES – Somos contra qualquer modificação.

PAI UBU – Merdra. Primeiro ponto: os juizes não receberão mais nenhum provento.

JUÍZES – E de que vamos viver? Somos pobres.

PAI UBU – Recebereis as multas que impuserdes e herdareis os bens dos condenados à morte.

UM JUIZ – Ignomínia!

SEGUNDO JUIZ – Infâmia!

TERCEIRO JUIZ - Escândalo!

QUARTO JUIZ – Indignidade!

TODOS – Recusamo-nos a julgar em semelhantes condições.

PAI UBU – Joguem os juizes no alçapão. (*Eles se debatem inutilmente*)

MÃE UBU – Que diabos estás fazendo, Pai Ubu? Quem vai agora ministrar a justiça?

PAI UBU – Ora, quem! Eu. E verás como tudo caminhará bem.

MÃE UBU – Sim, com isenção total!

PAI UBU – Vamos, cala-te, idiota. Agora, senhores, trataremos das finanças.

FINANCISTAS – Não há o que mudar.

PAI UBU – Como não há, se eu quero mudar tudo? De saída, reservarei para mim a metade dos impostos.

FINANCISTAS - Ora, não se acanhe!

PAI UBU – Senhores, estabeleceremos um imposto de dez por cento sobre a propriedade, outro sobre o comércio, um terceiro sobre os casamentos e um quarto sobre os óbitos, de quinze francos cada um.

PRIMEIRO FINANCISTA – Mas isso não faz sentido, Pai Ubu.

SEGUNDO FINANCISTA – É um absurdo.

TERCEIRO FINANCISTA – Não tem pé nem cabeça.

PAI UBU – Vocês estão querendo me gozar. Ao alçapão, todos os financistas! (*Agarram os financistas*).

MÃE UBU – Afinal de contas que espécie de rei és tu, Pai Ubu, que só sabes matar todo mundo!

PAI UBU – À merdra!

MÃE UBU – Quanto mais justiça, mais dinheiro.

PAI UBU – Não te preocupes, meu anjo, que eu mesmo irei recolher os impostos, de povoado em povoado.

CENA 3

Casa de camponeses nas cercanias de Varsóvia. Vários camponeses reunidos.

UM CAMPONÊS - Ouçam o que aconteceu. O rei está morto, os duques também e o jovem Bugrelau fugiu com a mãe para as montanhas. Pai Ubu se apossou do trono.

OUTRO CAMPONÊS – Tenho mais notícias. Venho de Cracovia, onde vi transportarem os corpos de trezentos nobres e quinhentos juizes que foram executados. Parece que vão dobrar os impostos e que Pai Ubu virá recolhê-los pessoalmente.

TODOS – Deus do céu! Que vai ser de nós? Pai Ubu é um crápula e dizem que sua mulher é realmente abominável.

UM CAMPONÊS – Escutem: parece que estão batendo.

UMA VOZ (*De fora*) – Cornupapança¹⁰! Abram em nome de minha merdra, por São João, São Pedro e São Nicolau! Abram, pela espada das finanças, cõnotutu, venho arrecadar os impostos!

(*A porta é arrombada, Ubu entra seguido de uma legião de coletores de impostos*)

CENA 4

PAI UBU – Qual é o mais velho de vocês? (*Um camponês se apresenta*) Como te chamas?

CAMPONÊS – Stanislaw Leczinski.

PAI UBU – Pois bem, cornupapança, presta atenção ao que vou dizer, senão estes senhores aqui te cortarão as orrelhas. Mas, afinal de contas, vais ou não vais me escutar?

STANISLAU – Mas Vossa Excelência ainda não disse nada.

PAI UBU – Como não disse nada! Falo há mais de uma hora. Ou pensas que vim aqui para pregar no deserto?

STANISLAU – Longe de mim tal pensamento.

PAI UBU – Pois muito que bem, estou aqui para te dizer, te ordenar e te intimidar a declarar e pagar imediatamente teu imposto de renda, sob pena de seres trucidado. Vamos, senhores porcalhinos das finanças, carrocem para cá a carroça-das-finanças.

(*Trazem a carroça*)

STANISLAU – Sire, nossa inscrição no registro nos obriga a pagar apenas cento e

cinquenta e dois rixdales, que já pagamos faz seis semanas em Saint Mathieu.

PAI UBU – É bem possível, mas mudei o regime e avisei pelo jornal que todos os impostos serão pagos duas vezes, e três vezes aqueles que assim determinarmos posteriormente. Com esse sistema de arrecadação, ficarei rico rapidamente, matarei em seguida todo mundo e irei embora.

CAMPONESES – Senhor Ubu, tenha piedade de nós. Somos gente pobre.

PAI UBU – E daí? Paguem.

CAMPONESES – Não temos com que pagar, Pai Ubu, já pagamos.

PAI UBU – Paguem! Ou ponho vocês no papo, depois de torturá-los, com degolação do pescoço e da cabeça! Cornupapança, parece que o rei aqui sou eu!

TODOS – Ah, é assim? Às armas, pessoal! Viva Bugrelau, pela graça de Deus rei da Polônia e da Lituânia!

PAI UBU – Senhores das finanças, atacar, cumpri com o vosso dever!
(*Lutam entre si, a casa é destruída e o velho Stanislaw foge pelo campo. Ubu fica a recolher o dinheiro*)

CENA 5

Uma casamata das fortificações de Thorn. Bordadura preso, Pai Ubu

PAI UBU – Patriota, eis o que é um patriota: querias que eu te pagasse o que te prometera. Como não quis pagar, te revoltaste, conspiraste e terminaste engaiolado. Bem feito, cornufinança e deves reconhecer que o golpe que te dei foi de mestre.

BORDADURA – Toma cuidado, Pai Ubu. És rei há cinco dias e já mataste mais gente do que seria necessário para condenar ao inferno todos os santos do paraíso. O sangue do rei e dos nobres clama por vingança e esse clamor será ouvido.

PAI UBU – Meu bom rapaz, até que és um cara bem falante. Não tenho dúvida que se

¹⁰ *Cornegidouille*, palavra inventada por Jarry para expressar as três partes do poder de Ubu: cabeça, coração e ventre, sendo que, nele, só o ventre não se encontra em estado embrionário. *Gidouille*, denominação do ventre monstruoso de Ubu: “o poder dos apetites inferiores”.

consegues escapar daqui me criarás muitas dificuldades. Mas não sei de ninguém que tenha burlado a vigilância das casamatas de Thorn. Por isso, boa noite, e trata de dormir o melhor que possas pois os ratos fazem aqui uma sarabanda infernal a noite toda. (*Sai*)

(*Os guardas vêm trancar a porta*)

CENA 6

Palácio de Moscou

O Imperador Alexis e sua corte; Bordadura

CZAR ALEXIS – Aventureiro infame, participaste do massacre de nosso primo Venceslau?

BORDADURA – Perdoai-me, Senhor, Pai Ubu me arrastou a isso contra a minha vontade.

ALEXIS – És um sórdido mentiroso! Mas, afinal de contas, que desejas?

BORDADURA – Pai Ubu mandou-me prender acusando-me de conspiração. Consegui fugir e, durante cinco dias e cinco noites, corri através das estepes para vir implorar vossa graça misericordiosa.

ALEXIS – Que trazes como garantia de tua lealdade?

BORDADURA – Minha espada de aventureiro e um mapa da cidade de Thorn.

ALEXIS – Aceito a espada mas, por São Jorge, queima esse mapa. Não quero dever minha vitória a uma traição.

BORDADURA – Um filho de Venceslau, o jovem Bugrelau, continua vivo, e eu tudo farei para reconduzi-lo ao trono.

ALEXIS – Qual era teu posto no exército polonês?

BORDADURA – Eu comandava o Quinto Regimento dos Dragões de Wilna e uma companhia de voluntários a serviço de Pai Ubu.

ALEXIS – Muito bem, nomeio-te subtenente do 10º Regimento de Cossacos, e ai de ti se me traíres. Se fores bravo, serás recompensado.

BORDADURA – Coragem não me falta, Senhor.

ALEXIS – Está bem, some da minha vista.

(*Sai Bordadura*)

CENA 7

Sala do Conselho de Ubu Pai Ubu, Mãe Ubu, Conselheiros de Finanças

PAI UBU – Senhores, esta aberta a sessão. Estejam atentos para o que vou dizer e mantenham-se tranquilos. Primeiro, trataremos do capítulo das finanças e em seguida falaremos dum pequeno sistema que bolei para evitar as chuvas e preservar o bom tempo.

UM CONSELHEIRO – Muito bem, Senhor Ubu.

MÃE UBU – Que idiota!

PAI UBU – Senhora merdra minha, tome cuidado porque não tolerarei mais suas tolices. Dizia eu, senhores, que as finanças vão mais ou menos. Um considerável número de cães miseráveis se espalha toda manhã pelas ruas e os porcalhinhos fazem maravilhas. Por todos os lados há casas incendiadas e gente dobrando-se ao peso de novos impostos.

CONSELHEIRO – E os novos impostos, Senhor Ubu, estão dando resultado?

MÃE UBU – Vão de mal a pior. O imposto sobre casamentos rendeu até agora apenas onze *sous*, e assim mesmo porque Pai Ubu persegue as pessoas por toda parte para obrigá-las a se casarem.

PAI UBU – Espada das finanças, corna de minha pança, senhora financista, eu tenho orrelhas para falar e tu tens boca para escutar. (*Risos*) Aliás, não é isso! Tu me atrapalhas e me fazer parecer idiota. Mas, corno de Ubu! (*Entra um mensageiro*) Bem, vamos, que quer aquele ali? Vai-te embora, porcalhão, ou te bato, te degolo e te torço as pernas.

MÃE UBU – Bem, já se foi, mas deixou uma carta.

PAI UBU – Lê. Até parece que estou perdendo o juízo ou que não sei ler. Vamos, idiotra, lê, deve ser de Bordadura.

MÃE UBU – É dele mesmo. Diz que o czar o acolheu muito bem, que vai invadir teus domínios para restaurar o poder de Bugrelau e que serás executado.

PAI UBU – Não! Tenho medo! Tenho medo! Acho que vou morrer. Coitadinho de mim! Que vai me acontecer, meu Deus? Esse homem malvado vai me matar. Santo Antônio e todos os santos, protegi-me, prometo dar esmolas e acender velas a todos vós. Senhor, o que me espera ainda? (*Chora e soluça*)

MÃE UBU – Só há um caminho a seguir, Pai Ubu.

PAI UBU – Qual é, meu amor?

MÃE UBU – A guerra!

TODOS – Graças a Deus! Eis uma atitude digna!

PAI UBU – É, e quem vai levar novas estocadas sou eu.

PRIMEIRO CONSELHEIRO – Apressemonos, vamos organizar o exército.

SEGUNDO CONSELHEIRO – E estocar víveres.

TERCEIRO CONSELHEIRO – E preparar a artilharia e as fortalezas.

QUARTO CONSELHEIRO – E arranjar dinheiro para as tropas.

PAI UBU – Ah, isso é que não! Eu te mato! Não vou dar dinheiro algum. Tomem de outro! A guerra já está paga e ninguém vai guerrear às minhas custas. Pelos meus chifres, façam a guerra mas porque vocês estão com raiva. Nada de gastar dinheiro. Viva a guerra!

CENA 8

Campo de batalha, exército de Varsóvia.

SOLDADOS E PALHADINOS – Viva a Polônia! Viva Pai Ubu!

PAI UBU – Mãe Ubu, me dá aqui a couraça e meu bastão. Vou ficar tão pesado que não vai dar pra correr se eles me perseguirem.

MÃE UBU – Covardão!

PAI UBU – Onde estão a espada-de-cortar merdra e o gancho-das-finanças que eu não acho?! Nunca vou me aprontar, e os russos avançam e vão me matar.

UM SOLDADO – Senhor Ubu, a tesoura-de-cortar-orrelhas vai cair.

PAI UBU – Te mato com o gancho-de-puxar-merdra e a faca-de-cortar-cara.

MÃE UBU – Como ele está bonito de capacete e couraça, parece uma abóbora blindada.

PAI UBU – Bem, agora vou montar no cavalo. Senhores, tragam-me o cavalo-de-finanças.

MÃE UBU – Pai Ubu, esse cavalo não tem forças para te agüentar, faz cinco dias que ele não come nada, está quase morto.

PAI UBU – Que ótima babá ela é! Então gasto doze *sous* por dia com esse animal e ele não tem forças para me carregar? Será que te enganaram, corna d’Ubu, ou estás me roubando? (*Mãe Ubu enrubesce e baixa os olhos*) Me tragam, então, outro cavalo. A pé é que não vou, cornupapança!

(Trazem-lhe um enorme cavalo)

PAI UBU – Vou montar nele. Oh! Aliás, acho que vou cair. (*O cavalo anda*) Pára, pára esse bicho, meu Deus, vou cair, vou morrer!!!

MÃE UBU – É um imbecil, sem dúvida alguma. Ah, consegui montar. Mas já caiu no chão.

PAI UBU – Cornofísico, estou meio morto! Mas não faz diferença, vou pra guerra e matarei todo mundo. Ai de quem não marchar direito! Será rebentado de pancada com torção do nariz e dos dentes e extração da língua.

MÃE UBU – Boa sorte, Senhor Ubu.

PAI UBU – Esqueci de te dizer que te confio o governo. Mas levo comigo o livro de Finanças. Se me roubares pagarás caro. O Palhadino Girão fica aqui para te ajudar. Adeus, Mãe Ubu.

MÃE UBU – Adeus, Pai Ubu. Não deixa de matar o Czar.

PAI UBU – Não te preocupes. Torção do nariz e dos dentes, extração da língua, e introdução do bastão orrelhas a dentro.

(O exército se afasta ao som das fanfarras)

MÃE UBU (*sozinha*) - Agora que esse bonecão de engonço foi embora, tratemos de nossos interesses: matar Bugrelau e nos apossar do tesouro.

4º ATO

CENA 1

Cripta dos antigos reis da Polônia na catedral de Varsóvia.

MÃE UBU – Mas onde está o tesouro? Pelo som, nenhuma dessas lousas parece oca. No entanto, contei treze pedras a partir do túmulo de Ladislau, o Grande, ao longo da parede, e nada. Devo ter me enganado. Não, aqui parece oco. Mãos à obra, Mãe Ubu. Coragem, vamos arrancar esta pedra. Está muito presa. A ponta do gancho-das-finanças cumprirá sua finalidade. Achei! Aqui está o ouro misturado aos ossos dos reis. Vamos, tudo dentro do saco!... Que barulho é esse? Quem poderia estar aqui, sob essas velhas cúpulas? Não, não é ninguém, apressemo-nos. Levemos tudo. Esta riqueza toda é mais útil à luz do dia do que enterrada no túmulo de velhos príncipes. Recoloquemos a pedra. Ei, o barulho de novo. Esses lugares sempre me causaram pavor. Depois venho buscar o resto do ouro, volto amanhã.

UMA VOZ (*Saindo do túmulo de João Sigismundo*) – Jamais, Mãe Ubu!

(Mãe Ubu foge apavorada, pela porta secreta, levando o ouro roubado)

CENA 2

**Praça de Varsóvia.
Bugrelau e seus guerrilheiros.
Povo e Soldados.**

BUGRELAU – Para frente, amigos! Viva Venceslau e a Polônia! O patife do Rei Ubu partiu. Só ficou a bruxa da Mãe Ubu com o seu Palhadino. Estou disposto a marchar à frente de vocês e a restaurar no trono a estirpe de meus pais.

TODOS – Viva Bugrelau!

BUGRELAU – Derrubaremos todos os impostos decretados pelo abominável Pai Ubu.

TODOS – Bravos! Avante! Ataquemos o palácio e acabemos com esse canalha!

BUGRELAU – Pessoal, Mãe Ubu está saindo com seus guardas pela escadaria.

MÃE UBU – Que querem comigo? Oh, é Bugrelau.

(A multidão joga pedras)

PRIMEIRO GUARDA – Todos os carros estão quebrados

SEGUNDO GUARDA – Vão acabar comigo, meu São Jorge.

TERCEIRO GUARDA – Cornão-bleu vou morrer¹¹.

BUGRELAU – Pedra neles, pessoal.

GIRÃO – Ah, é assim!? (*Desembainha a espada e avança provocando verdadeira carnificina*)

BUGRELAU – Deixem por minha conta. (*A Girão*) Defende-te, covarde!

(Lutam os dois)

¹¹ *Corneblue*, palavra inventada por Jarry partindo da expressão *ventrebleu* (*ventredieu*, ventre de deus). *Corne*, *corne physique*, alusão ao “bastão de Física” do professor Hébert; alude ainda a *Cordon Bleu* e a corno, traído.

GIRÃO – Vou morrer!

BUGRELAU – Vencemos, companheiros! Abaixo Mãe Ubu! Avante! (*Ouvem-se clarins*) Estão chegando os nobres. Vamos, pessoal, agarremos essa maldita harpia!

TODOS – A vez daquele velho bandido também chegará!

(*Mãe Ubu escapa perseguida por todos os poloneses. Tiros de fuzil e chuva de pedras*)

CENA 3

O exército polonês em marcha na Ucrânia

PAI UBU – Cornão-bleu, vôte, cabeça de vaca! A sede e o cansaço vão nos matar. Senhor soldado, tenha a gentileza de segurar nosso capacete-de-finanças e, tu aí, senhor lanceiro, cuida da tesoura-de-cortar-orrelhas e do bastão-de-física, pra me dar um pouco de folga. Repito que estamos muito cansados.

(*Os soldados obedecem*)

PILA – Ei, Senhore! É supriendente que os russos não apaireçam.

PAI UBU – Lamentável é que a situação financeira não nos permita possuir uma viatura digna de nós; com medo de demolir nossa montaria, fizemos todo o caminho a pé, puxando o cavalo pela brida. Mas quando voltarmos à Polônia, inventaremos, graças aos nossos conhecimentos de física e às luzes de nossos conselheiros, uma viatura movida a vento para transportar todo o Exército.

COTICA – Nicolau Rensky acaba de chegar e parece aflito.

PAI UBU – Que é que tem esse rapaz?

RENSKY – Está tudo perdido, Senhor, os poloneses se revoltaram. Mataram Girão, e Mãe Ubu fugiu para as montanhas.

PAI UBU – Ave agoureira, coruja de polainas, donde tiras tantas asneiras? E mais essa agora! Quem fez tudo isso? Aposto que foi Bugrelau. Donde estás vindo?

RENSKY – De Varsóvia, senhor.

PAI UBU – Rapazola de merdra, se acredito no que dizes terei de ordenar o retorno de todo o Exército. Mas, senhor rapazola, como vejo que tens acima dos ombros mais plumas que miolos, creio que imaginaste bobagens. Vai para a linha de frente, os russos estão perto e teremos de usar contra eles todas as nossas armas, tanto as de merdra, como as de finanças e as de física.

GENERAL LASCY – Pai Ubu, não estais vendo os russos na planície?

PAI UBU – É verdade, os russos! Estou metido em boa. Se ao menos houvesse um jeito de me arrancar, mas não dá pé: estamos numa colina e ficaríamos expostos ao fogo inimigo.

EXÉRCITO – Os russos! O inimigo!

PAI UBU – Vamos, senhores, preparemo-nos para a batalha. Ficaremos nesta colina e não cometeremos a besteira de descer daqui. Vou ficar no centro como uma cidadela viva e vocês à minha volta. Recomendo-lhes carregar os fuzis com o máximo de balas, pois oito balas podem matar oito russos e serão menos oito a me atacar. Mandaremos a infantaria lá para baixo a fim de que recebam os russos e matem alguns deles; a cavalaria irá logo atrás para entrar na confusão e a artilharia ficará em torno do moinho aqui presente para atirar em cima do bolo. Quanto a nós, ficaremos dentro do moinho e atiraremos com a pistola-de-finanças pela janela, colocaremos de través na porta o bastão-de-física, e se alguém tenta entrar, gancho-de-merdra nele!!!

OFICIAIS – Senhor Ubu, Vossas ordens serão executadas.

PAI UBU – Ótimo. Tudo corre bem, venceremos. Que hora são?

GENERAL LASCY – Onze horas da manhã.

PAI UBU – Vamos então, almoçar porque os russos não atacarão antes do meio-dia. General, diga aos soldados que façam suas necessidades e entoem a Canção das Finanças.

SOLDADO E PALHADINOS – Viva Pai Ubu, nosso grande Financista! Ting, ting, ting; ting, ting, ting; ting, ting, tating!

PAI UBU – Ah, gente boa, adoro vocês todos. *(Um petardo russo atinge e quebra a pá do moinho)* Estou com medo, senhor Deus, estou morrendo! Ah, não estou, não é nada.

CENA 4

**Os mesmos, um capitão.
Depois o exército russo.**

CAPITÃO *(chegando)* – Senhor Ubu, os russos atacam.

PAI UBU – E daí, que é que você quer que eu faça? Não fui eu quem os mandou atacar. Mas, senhores das Finanças, preparemo-nos para o combate.

GENERAL LASCY – Outro projétil.

PAI UBU – Não fico mais aqui. Chove chumbo e ferro em cima da gente e podemos até prejudicar nossa preciosa pessoa. Desçamos. *(Descem todos correndo. A batalha começa. Eles desaparecem em meio à fumaça ao pé da colina)*

UM RUSSO *(atacando)* – Por Deus e pelo Czar!

RENSKY – Ai, eu morro!

PAI UBU – Avante, camaradas! Ah, tu me machucaste; vou acabar contigo, seu bêbado, contigo e com essa tua espingarda que não atira.

UM RUSSO – Experimenta isso! *(Dá-lhe um tiro de revólver)*

PAI UBU – Ai, ui! Estou baleado, estou furado, perfurado, encomendado, enterrado. Oh, mas ainda assim! Vou pegá-lo. Toma! Me provoca de novo!

GENERAL LASCY – Avancemos, todo vigor, pessoal, atravessemos o fosso. A vitória é nossa!

PAI UBU – Acha mesmo, general? Até o momento, sinto na frente mais “galos” que lauréis.

CAVALEIROS RUSSOS – Afastem-se! Abram passagem para o Czar!

(Chega o Czar acompanhado de Bordadura, disfarçado)

UM POLONÊS – Nossa mãe! Chegou o Czar, salve-se quem puder!

OUTRO POLONÊS – Deus do céu! Ele transpôs o fosso.

TERCEIRO POLONÊS – Pif! Paf! O velhaco do tenente já desancou quatro.

BORDADURA – Ah, ainda não acabaram com vocês?! Pois toma o que mereces, Jean Sobiesky. *(Bordadura o abate)* Agora, os outros! *(Mata uma porção de poloneses)*

PAI UBU – Avante, camaradas. Peguem esse biltre! Compota de moscovitas! A vitória é nossa. Viva a águia vermelha.

TODOS – Avançar! Hurra! Cáspite! Peguemos o safadão!

BORDADURA – Meu São Jorge, caí no chão.

PAI UBU *(Reconhecendo-o)* – Ah, és tu, Bordadura! Estamos todos felizes de te rever, meu caro amigo. Vou te cozinhar em fogo lento. Senhores das Finanças, acendam o fogo! Oh! Ai! Ui! Estou morto. Devo ter recebido pelo menos um tiro de canhão. Oh, meu Deus, perdoai meus pecados. É, foi mesmo um tiro de canhão.

BORDADURA – Foi um tiro de pistola com pólvora seca.

PAI UBU – Ah, e ainda me gozando! Estás no papo *(Joga-se sobre ele e o dilacera)*

GENERAL LASCY – Pai Ubu, estamos avançando em toda a linha.

PAI UBU – Estou vendo, não agüento mais, crivaram-me de pontapés. Gostaria de me sentar um pouco, mesmo no chão. E meu cantil?

GENERAL LASCY – Toma o do Czar, Pai Ubu.

PAI UBU – É pra já. Vamos! Sabre-de-cortar-merdra, cumpre tua função, e tu, gancho-de-

finanças, não fiques atrás. Que o bastão-de-física trabalhe com generosa emulação e dívida com o bastãozinho a honra de massacrar, varar e rebentar o Imperador moscovita. Avante, senhor nosso cavalo-de-finanças! (*Atira-se sobre o Czar*)

UM OFICIAL RUSSO – Cuidado, Majestade!

PAI UBU – Toma! Oh! Ah! Deu em nada. Ui, perdão, senhor, deixe-me em paz. Ai, mas não fiz por querer!

(*Pai Ubu escapa, o Czar o persegue*)

PAI UBU – Santa Virgem; esse danado me persegue! Que fiz eu, meu Deus! Felizmente, ele ainda tem de transpor de volta o fosso. Ih, sinto-o atrás de mim e à minha frente o buraco. Coragem, fechemos os olhos!

CZAR – Nossa! Caí no fosso!

POLONÊS – Oba! O Czar caiu lá embaixo!

PAI UBU – Nem ousa olhar pra trás! Ele está lá dentro. Ótimo, pau nele! Vamos polonês, com toda força, ele tem costas largas, o miserável! Nem quero ver. E enquanto isso nossa predição se realizou plenamente: o bastão-de-física fez maravilhas e não resta dúvida alguma de que eu estaria morto a esta hora se um inexplicável terror não tivesse combatido e anulado em nós os efeitos de nossa bravura. Mas tivemos que, subitamente, virar casaca, e devemos nossa salvação à nossa habilidade de cavaleiro assim como à solidez das pernas de nosso cavalo-de-finanças, cuja rapidez só se iguala àquela solidez e à sua já famosa ligerez assim como à profundidade do fosso que se abriu muito cortês sob os passos do inimigo soez do aqui presente Mestre das Finanças, como o vês. É, tudo isso é muito bonito mas ninguém me escuta. Vamos, a guerra continua!

(*Os dragões russos dão uma carga e salvam o Czar*)

GENERAL LASCY – Desta vez é a debandada.

PAI UBU – Chegou a hora de baixar o cacete. Portanto, senhores poloneses. avançar, ou melhor, botar o galho dentro.

POLONESES – Salve-se quem puder!

PAI UBU – Vamos, em marcha! Que cambada, que fuga, que multidão, como vou sair deste lodaçal? (*É empurrado*) Ah, mas és tu! Presta atenção se não queres experimentar o ardente valor do Mestre das Finanças. Bem, foi-se embora, vamos nos arrancar daqui enquanto Lascy não está vendo. (*Sai. Em seguida, vê-se passar o Czar com o exército russo perseguindo os poloneses*)

CENA 5

Uma caverna da Lituânia. Neva. Pai Ubu, Pila, Cotica.

PAI UBU – Que tempo maldito, faz um frio de rachar e a pessoa do Mestre das Finanças está bastante estropiada.

PILA – Como é, Senhoire Ubu, já se recuperou do medo e da fuga?

PAI UBU – Claro! Do medo já, mas a fuga continua.

COTICA (*à parte*) – Porco!

PAI UBU – Ei, senhor Cotica, como vai sua orrelha?

COTICA – Vai tão bem como pode, indo mal como vai. Em consequência de que o chumbo faz ela pender para o chão e não posso extrair a bala.

PAI UBU – Bem feito. Não estavas a fim de bater nos outros? Dei prova total de bravura, e sem me expor matei quatro inimigos com minha própria mão, sem contar todos aqueles que já estavam mortos e que acabamos de matar.

COTICA – Pila, sabes que fim levou o pequeno Rensky?

PILA – Recebeu uma bala na cabeça.

PAI UBU – Assim como a papoula e o taraxaco, que à flor da idade são ceifados pelo ferro e pelo erro de arrado, nosso pequeno Rensky foi ceifado pela guerra e assim foi-se, embora tenha lutado bravamente. Mas havia russos demais!

PILA E COTICA – Uh! Senhoire!

UM ECO – Rhomrrr!

PILA – Que será isso? Nossos binóculos!

PAI UBU – Essa não! Aposto que são os russos outra vez! Já é demais! E depois a coisa é simples, se eles me pegam, estarão no papo.

CENA 6

Os mesmos. Entra um urso.

COTICA – Ai, senhoire das Finanças!

PAI UBU - Ora, veja, o totozinho. Que gracinha!

PILA – Cuidado! Nossa, que urso enorme! Cadê minha cartucheira?

PAI UBU – Um urso! Ui! Que fera! Pobre de mim, vou ser comida. Deus que me proteja. Ele vem me pegar. Não, vai pegar Cotica. Ainda bem!

(O Urso agarra Cotica. Pila ataca-o a golpes de punhal. Ubu se refugia em cima de uma pedra)

COTICA – Me ajuda, Pila! Me ajuda! Socorro, Senhoire Ubu!

PAI UBU – Aqui oh! Te safa, meu caro, agora estou rezando o Padre Nosso. Cada um tem sua vez de ser comida.

PILA – Peguei, está seguro!

COTICA – Agüenta, Pila, ele começa a me soltar.

PAI UBU – Santificatur nomen tuum

COTICA – Velhaco covarde!

PILA – Ai, ele está me mordendo! Meu Deus, salvai-me, vou morrer.

PAI UBU – Fiat voluntas tua!

COTICA – Consegui feri-lo.

PILA – Bravos! Ele está sangrando.

(Em meio aos gritos dos Palhadinos, o urso berra de dor e Ubu continua a resmungar)

COTICA – Agarra firme, enquanto pego meu soco explosivo.

PAI UBU – Panem nostrum quotidianum da nobis hodie.

PILA – Conseguiu? Não posso segurá-lo mais.

PAI UBU – Sicut et nos dimittimus debitoribus nostris.

COTICA – Consegui! *(Uma explosão e o urso cai morto)*

PILA E COTICA – Vitória!

PAI UBU – Sed libera nos a malo. Amen. Enfim, morreu mesmo? Já posso descer daqui?

PILA *(com desprezo)* – Quando quiser.

PAI UBU *(descendo)* – Podem se orgulhar de que, se ainda estão vivos e ainda pisam a neve da Lituânia, devem isso à virtude magnânima do Mestre das Finanças, que se esforçou, largou a pele, se matou a recitar padres-nossos por vossa salvação, e com tanta coragem empunhou a espada espiritual da prece quanto vocês manejaram o temporal soco explosivo do aqui presente Palhadino Cotica. Tão longe levamos nosso devotamento, que não hesitamos em subir num pedra bem alta para que mais depressa nossas preces chegassem ao céu.

PILA – Asno asqueroso!

PAI UBU – Aqui está um enorme animal. Graças a mim vocês terão o que comer. Que barriga tem o bicho, gente! Os gregos aí teriam ficado bem mais à vontade do que no ventre do cavalo de Tróia, e por pouco, caros amigos, íamos ter a oportunidade de verificar pessoalmente a capacidade interior dessa pança.

PILA – Morro de fome. Que vamos comer?

COTICA – O urso!

PAI UBU – Mas, seus bobocas, como é que vão comê-lo cru? Não temos com que acender uma fogueira.

PILA – E as espoletas?

PAI UBU – Isso mesmo! Parece que há aqui por perto um pequeno bosque onde podemos achar alguns galhos secos. Vá buscá-los, senhor Cotica.

(Cotica se afasta pela neve)

PILA – E, enquanto isso, senhor Ubu, vá esfolando o bicho.

PAI UBU – Eu não! Pode ser que ele ainda não esteja morto. É melhor te encarregares disso, um vez que já estás meio comido e mordido por ele. Eu fico acendendo a fogueira enquanto Cotica vai buscar a lenha.

(Pila começa a esfolar o urso)

PAI UBU – Ôi cuidado! Ele se mexeu.

PILA – Mas, senhor Ubu, ele já está gelado.

PAI UBU – Isso é ruim, seria melhor comê-lo quente. O Mestre das Finanças vai ter uma indigestão.

PILA *(à parte)* - É revoltante. *(Alto)* Me ajude um pouco, senhor Ubu, não posso fazer tudo sozinho.

PAI UBU – Não, não quero fazer nada! Estou muito cansado!

COTICA *(voltando)* – Que frio, amigos, parece até Castilha ou o Pólo Norte. Começa a anoitecer. Numa hora estará escuro. Vamos nos apressar enquanto ainda há claridade.

PAI UBU – Correto. Ouviste, Pila, apressa-te. Andem vocês dois! Metam o bicho no espeto e tratem de assá-lo, que eu estou com fome!

PILA – Ah, isso já é demais! Vem trabalhar, guloso, do contrário não vais comer coisa alguma!

PAI UBU – Pra mim dá na mesma. Como cru. Pior pra vocês. Além do mais estou com muito sono!

COTICA – Que achas Pila? Comemos tudo sozinhos. Não damos nada a ele, tá? Ou lhe damos os ossos.

PILA – Certo. O fogo está acendendo.

PAI UBU – Que bom, já começa a esquentar. Mas vejo russos por toda parte. Como corremos, meu Deus! Ah... *(Adormece)*.

COTICA – Gostaria de saber se é verdade o que disse Rensky, se Mãe Ubu foi deposta realmente. Não me parece difícil.

PILA – Vamos terminar de fazer a comida.

COTICA – Não, temos de falar coisas importantes. Seria bom que nos inteirássemos da veracidade dessas notícias.

PILA – Tens razão. Devemos abandonar Pai Ubu ou ficar com ele aqui?

COTICA – A noite é boa conselheira. Durmamos. Amanhã a gente vê o que se deve fazer.

PILA – Acho melhor aproveitar a noite pra nos mandarmos.

COTICA – Vamos, então. *(Partem)*

CENA 7

PAI UBU *(fala dormindo)* – Ah, Senhor Dragão russo, presta atenção, não venha pra cá, tem gente. Ah! Lá está Bordadura, ele é malvado, parece um urso. Bugrelau avança contra mim! O urso, o urso! Ai! Olha ele lá! Ele é duro de roer, meu Deus! Não quero fazer nada, nada! Vai embora, Bugrelau! Estás ouvindo, palhaço? Agora é Rensky e o Czar! Oh! Eles vão me bater. E Donabu? Onde achaste tanto ouro? Ficaste com meu ouro, miserável, foste remexer no meu túmulo na catedral de Varsóvia, perto da Lua. Já morri faz muito tempo, foi Bugrelau quem me matou e fui enterrado em Varsóvia perto de Vladislau, o Grande, também em Cracovia perto de João Sigismundo, e também em Thorn na casamata

com Bordadura! Ei-lo de novo. Vai-te embora, urso maldito! Tu te pareces com Bordadura. Escutou, demônio? Não, ele não escuta. Os porcalhinos¹² cortaram-lhe as orrelhas.

Rebentais o cérebro, matrai¹³, cortai as orrelhas, arrancai a finança e bebei até morrer, é a vida dos porcalhinos, é a alegria do Mestre de Finanças.

(*Cala-se e dorme*)

5º ATO

CENA 1

**Noite. Pai Ubu dorme. Entra Mãe Ubu.
A escuridão é total.**

MÃE UBU – Até que enfim um refúgio. Aqui estarei sozinha, o que não é mau, mas que corrida desenfreada: atravessar toda a Polônia em quatro dias! Todas as desgraças caíram sobre mim de uma só vez. Assim que aquela besta partiu, fui à cripta apanhar o tesouro. Logo depois, Bugrelau e seu grupo enfurecido quase me matam a pedradas. Perco meu cavaleiro, o Palhadino Girão, que era tão fascinado por meus encantos que desmaiava só de me ver e, segundo alguns, mesmo sem me ver, o que é o cúmulo da ternura. Por minha causa, seria capaz de se deixar cortar ao meio, o pobre rapaz. A prova disso é que foi cortado em quatro por Bugrelau. Pif paf pan! Puxa, pensei que ia morrer! Em seguida, fugi perseguida pela multidão enfurecida. Deixo o palácio, chego ao Vístula, todas as pontes vigiadas. Atravesso o rio a nado, na esperança de fazer meus perseguidores desistirem. Dissimulada entre poloneses dispostos a acabar comigo, estive mil vezes a um passo da morte. Mas terminei escapando-lhes à fúria, e depois de quatro dias de caminhadas pela neve do que fora meu reino, consigo me esconder aqui. Não bebi nem comi nada durante todos esses dias. Bugrelau, no meu rastro, o tempo todo... Enfim, estou salva. Ai, estou quase morta de frio e de cansaço. Mas gostaria de saber que fim levou meu gordo polichinelo, isto é, meu respeitável esposo. Tomei muito dinheiro dele. Roubei-lhe rixdales. Enganei-o com mentiras.

¹² *Salopin* (*salop*, sujo), alusão a *palotin*, que traduzimos por *palhadino*.

¹³ *Tuder*: palavra inventada possivelmente com a montagem da expressão *tudieu* – exclamação de comédia antiga – e *tuer*, matar

E seu cavalo de finanças morreu de fome: não via comida com muita frequência. A história de sempre! Mas coitada de mim que perdi meu tesouro. Ficou em Varsóvia, e quem se arriscaria a ir buscá-lo?

PAI UBU (*começando a acordar*) – Agarrem a Mãe Ubu, cortem-lhe as orrelhas!

MÃE UBU – Deus do céu! Onde estou? Enlouqueço. Ah, não Senhor! Graças a Deus entrevejo Senhor Pai Ubu que dorme perto de mim.

PAI UBU – Muito mal! Esse danado desse urso não é mole! Combate dos vorácios com os curiácios, mas os vorácios comeram e devoraram os curiácios, como verás ao amanhecer. Entendestes, nobres palhadinos?

MÃE UBU – Quem é que ele está gozando assim? Ficou mais idiota do que era antes de partir. Que será que ele tem?

PAI UBU – Cotica, Pila, respondam, sacos de merdra! Onde estão vocês? Ai, tenho medo. Mas ouvi alguém falar aí. Que foi? O urso não pode ser. Merdra! Meus fósforos, onde estão? Ah, perdi-os na guerra.

MÃE UBU (*à parte*) – Aproveitemos a situação e a noite, simulemos uma aparição sobrenatural e façamos com que ele nos perdoe os furtos.

PAI UBU – Meu Santo Antônio, quem fala aí? Cruz credo! Vão me enforcar!

MÃE UBU (*engrossando a voz*) - Sim, senhor Ubu, alguém realmente está falando aqui, e a trombeta do arcanjo que ergue os mortos da cinza e do pó final não falaria de outra maneira! Escutai esta voz grave. É a voz de São Gabriel que só dá bons conselhos.

PAI UBU – Só faltava essa!

MÃE UBU – Não me interrompei, Pai Ubu, ou eu me calo e será pior para você!

PAI UBU – Ai, minha pança! Não digo mais uma palavra. Continue, senhora aparição!

MÃE UBU – Dizíamos, senhor Ubu, que éreis um pateta tamanho família!

PAI UBU – Muito família, não resta dúvida.

MÃE UBU – Calai-vos, por Deus!

PAI UBU – Uai, nunca vi anjo se exaltar.

MÃE UBU – Merdra! (*continuando*) Sois casado, senhor Ubu?

PAI UBU – Exato, com a última das megeras.

MÃE UBU – Quereis dizer com uma mulher encantadora.

PAI UBU – Um monstro. Tem esporões por todo o corpo, não há por onde pegá-la.

MÃE UBU – Pela doçura, senhor Ubu. Se fordes carinhoso, vereis que, na pior das hipóteses, ela é igual à Vênus de Cápua.

PAI UBU – Caspa? Quem tem caspa?

MÃE UBU – Não me escutastes bem, senhor Ubu. Prestai melhor atenção. (*à parte*) Tenho de me apressar pois já amanhece. (*Alto*) Senhor Ubu, vossa mulher é adorável e deliciosa, ela não tem um só defeito.

PAI UBU – Estais enganada, não há um só defeito que ela não tenha.

MÃE UBU – Silêncio! Vossa mulher é fiel!

PAI UBU – Seria difícil aquela gralha me trair. Não ia achar com quem.

MÃE UBU – Ela não bebe.

PAI UBU – Sim, depois que lhe tomei a chave da adega. Antigamente, às sete da manhã já estava bêbada, recendendo a cachaça. Agora se perfuma com heliotropo, não cheira mal. Pra mim tanto faz. Quem se embebeda agora sou eu.

MÃE UBU – Homem tolo! Vossa mulher não toca em vosso ouro.

PAI UBU – Não me diga! Isso é piada!

MÃE UBU – Ela não desvia um único centavo!

PAI UBU – Que sirva de testemunha meu nobre e desgraçado cavalo-de-finanças que, tendo passado três meses sem comer, teve de fazer toda campanha puxado pelas rédeas através da Ucrânia. Também fizeram tudo para acabar com ele, pobre animal!

MÃE UBU – Tudo isso é mentira. Possuis um modelo de mulher e fazeis dela um monstro!

PAI UBU – Tudo é verdade. Minha mulher é uma libertina e falas como se ela fosse atraente feito uma lingüiça!

MÃE UBU – Cuidado, Pai Ubu.

PAI UBU – Ah, sim, esqueci com quem estou falando. Não, não quis dizer isso!

MÃE UBU – Mataste Venceslau.

PAI UBU – A culpa não foi minha, podeis crer. Foi idéia de Mãe Ubu.

MÃE UBU – Mataste Bulelau e Ladislau.

PAI UBU – Azar deles! Queriam me bater.

MÃE UBU – Não cumpriste a promessa feita a Bordadura e mais tarde ainda o assassinaste.

PAI UBU – Prefiro que seja eu e não ele o rei da Lituânia. Atualmente, não é nenhum de nós dois. Isso prova que não fui eu quem o matou.

MÃE UBU – Só há um meio de conseguirdes perdão para vossas faltas.

PAI UBU – Qual é? Estou disposto a me tornar um santo homem, quero ser padre e ver meu nome como santo do dia na folhinha.

MÃE UBU – Terás de perdoar os pequenos furtos de Mãe Ubu.

PAI UBU – Essa não! Perdôo depois que ela me devolver tudo o que roubou, depois de ser açoitada e depois que ressuscitar meu cavalo-de-finanças.

MÃE UBU – Essa do cavalo ficou-lhe na garganta. Já amanhece, estou perdida!

PAI UBU – No final de tudo, estou muito satisfeito por ter agora a certeza de que minha querida esposa me roubava dinheiro. Agora eu o sei de fonte limpa. Ominis a Deo scientia. O que quer dizer: Ominis, toda; a Deo scientia, ciência que vem de Deus. Toda ciência vem de Deus. Eis a explicação do fenómeno. Mas Dona Aparição parou de falar. Que é que eu posso fazer para ela se animar de novo? Até que falava coisas engraçadas. Ih, já está amanhecendo... Nossa mãe, por meu-cavalo-de-finanças, era Mãe Ubu!

MÃE UBU (*Descaradamente*) – Não é verdade, vou te excomungar.

PAI UBU – Ah, carniça!

MÃE UBU – Que sacrilégio!

PAI UBU – Essa não! Sei muito bem que era você, sua rabugenta! Que diabo fazes aqui?

MÃE UBU – Mataram Girão e os poloneses me expulsaram.

PAI UBU – Quanto a mim, foram os russos que me expulsaram: duas boas almas se encontram.

MÃE UBU – Neste caso, eu diria que uma boa alma encontra um asno!

PAI UBU – É assim? Pois a boa alma vai encontrar agora um palmípede. (*Joga o urso em cima dela*)

MÃE UBU (*Caindo sob o peso do urso*) – Que horror, meu Deus! Vou morrer! Estou sufocada! Ele me morde, me engole, me digere!

PAI UBU – O bicho está morto, escandalosa. Ui, mas quem sabe? Pode ser que não! Nossa mãe! Ele não morreu, fuja. (*Subindo na pedra*) Pater Noster qui es...

MÃE UBU (*Se livrando*) – Essa não! Onde se meteu ele?

PAI UBU – Ah, meu Deus, ela de novo! Mulher estúpida, será que não há um jeito de me livrar dela? O urso está morto?

MÃE UBU – Está, meu asno, já está até frio. Como esse bicho veio parar aqui?

PAI UBU – Sei lá. Ah, sei sim. Ele quis comer Pila e Cotica e eu o matei com um golpe de Pater Noster.

MÃE UBU – Pila, Cotica, Pater Noster. Que significa isso? Pelas minhas finanças, ele endoidou de vez!

PAI UBU – Disse exatamente o que houve. Tu é que és uma idiota, minha bonstra.¹⁴

MÃE UBU – Pai Ubu, me conta como foi a guerra.

PAI UBU – Oh, não, é cansativo. Tudo o que sei é que, apesar de minha incontestável bravura, todo mundo me bateu.

MÃE UBU – Não me diga, até os poloneses?

PAI UBU – Eles berravam: Viva Venceslau e Bugrelau. Pensei que iam me esquarterar, aqueles indisciplinados. E depois mataram Rensky.

MÃE UBU – E eu com isso?! Sabes que Bugrelau matou o Palhadino Girão!

PAI UBU – E eu com isso?! E depois mataram o pobre Lascy.

MÃE UBU – E eu com isso?!

PAI UBU – Sim, mas de qualquer jeito, carniça, chega pra cá! Ajoelha-te aos pés de teu senhor. (*Agarra-a e a põe de joelhos*) Vais sofrer o derradeiro suplício.

MÃE UBU – Oh! Oh! Senhor Ubu!

PAI UBU – Oh, oh, oh! Já acabaste? Agora começo eu: torção de nariz, arrancamento de

¹⁴ Tradução arbitrária de *giborgne*, palavra cunhada por Jarry e que pode conotar inúmeros sentidos: *gibbeux* (corcunda), *borgne* (lôbrego, zarolho), *giberne* (traseiro) *gibbon* (orangotango).

cabelos, introjeção do bastonete de madeira, extração do cérebro pelos calcanhares, dilaceração do posterior, supressão parcial ou mesmo total do espinhaço (talvez que assim consiga extrair também os espinhos de seu caráter), sem esquecer a abertura da bexiga natatória e finalmente a grande decapitação renovada de São João Batista, tudo de acordo com as Santíssimas Escrituras, tanto do Antigo como do Novo Testamento, organizado, corrigido e aperfeiçoado pelo aqui presente Mestre das Finanças! De acordo, lingüiça?

(Ele a rasga)

MÃE UBU – Piedade, senhor Ubu!

(Alarido na entrada da caverna)

CENA 2

Os mesmos, Bugrelau invadindo a caverna com seus soldados.

BUGRELAU – Avante, camaradas! Viva a Polônia!

PAI UBU – Espere um pouco, senhor polonês. Deixe-me acabar aqui com minha cara metade.

BUGRELAU *(Espancando-o)* – Toma, covarde, pícaro, sacripanta, incréu, muçulmano!

PAI UBU *(Revidando)* – Toma, idiota, janota, lorota, carlota, capota, calota, borrabotas, bosta!

BUGRELAU – Toma, capão, ladrão, beberrão, bufão, paspalhão, cafetão!

(Os soldados arremetem contra os Ubu que defendem como podem)

PAI UBU – Deuses! Quantos reforços!

MÃE UBU – Também temos pés, senhores poloneses.

PAI UBU – Por meus chifres, quando é que isso vai acabar? Outro ainda! Ah, se eu tivesse aqui meu cavalo-de-finanças!

BUGRELAU – Batam, batam sem parar!

VOZES LÁ FORA – Viva Pai Ubu, nosso grande financista!

PAI UBU – Oba! São eles! Viva! São os Pais Ubus! Venham, cheguem, precisamos de vocês, senhores das Finanças.

(Entram os Palhadinos que se jogam na confusão)

PAI UBU - Poloneses, caiam fora!!

PILA – Hon! Turnamos a nos veire, senhoire da Finanças. Vamos, force a passagem, trate de chegar à porta e, uma vez lá fora, só há uma coisa a fazer: dar no pé.

PAI UBU – Nisso eu sou bom. Ai, ele bate com força!

BUGRELAU – Meu Deus, estou ferido!

STANISLAU LEOZINSKI – Não foi nada, senhor.

BUGRELAU – É, só fiquei um pouco tonto.

JEAN SOBIESKY – Batam, batam para valer, eles fogem pela porta, os miseráveis.

COTICA – Estamos perto, siga os outros. Em conseqüência do que, estou vendo o céu.

PILA – Coragem, senhor Ubu!

PAI UBU – Sim, já fiz nas calças. Vamos, cornopapança! Matrem, sangrem, esfolem, matem, corno de Ubu! A situação melhora!

COTICA – Só há dois guardando a saída.

PAI UBU – *(Espancando-os a golpe de urso)* Dou-lhe uma, dou-lhe duas! Uf! Consegui sair. Fujamos! Sigam os outros.

CENA 3

A cena representa a província de Livônia coberta de neve. Os Ubus e seu séquito em fuga.

PAI UBU – Uf, creio que eles desistiram de nos pegar.

MÃE UBU – É, Bugrelau foi assumir o trono.

PAI UBU – Não tenho nenhuma inveja da coroa dele.

MÃE UBU – Tens toda a razão, Pai Ubu.

(Desaparecem na distância)

CENA 4

Convés de um navio navegando à bolina no Báltico. No convés, Pai Ubu e seu bando.

COMANDANTE – Sopra ótima vento.

PAI UBU – De fato, navegamos com prodigiosa rapidez. Devemos estar fazendo no mínimo um milhão de nós por hora, e esses nós têm a vantagem de que, uma vez feitos, não se desfazem mais. Bem, é verdade que temos muito vento no traseiro.

PILA – É um pobre imbecil.

(Uma rajada faz o navio adernar)

PAI UBU – Uai! Meus Deus! Vamos afundar. Ele está indo todo torto, vai virar, o barco vai virar!

COMANDANTE – Todo mundo a sota-vento, amarrem o mezena!

PAI UBU – Essa não! Não fiquem todos do mesmo lado! É uma imprudência. E se o vento mudar de direção? Iremos todos ao fundo e os peixes nos comem.

COMANDANTE – Devagar, amainar as velas.

PAI UBU – Devagar, o que! Nada disso! Tenho pressa, ouviu? A culpa é tua, capitão de merdra, se não chegarmos, a culpa é tua. Já devíamos ter chegado, pô! Assumo o comando! Evitar de virar, fé em Deus e pé na tábua! Ancorar, virar de vento em proa! Icem as velas, arreiam as velas, leme a barravento, leme a sota-vento, leme de lado... Estamos indo bem? Não? Então, cortar a onda pelo meio, e pronto, tudo estará perfeito.

(Todos se riem, o vento sopra mais forte)

COMANDANTE – Afrouxar os rizes, desviar o colhão e abrir a burda!

PAI UBU – Isso até que não é mau. Está escutando, senhora Tripulação? Afrouxar os risos, desviar o culhão e abrir a bunda!

(Alguns morrem de rir. Uma onda varre o convés)

PAI UBU – Que dilúvio! É consequência das manobras que ordenamos.

MÃE UBU – Coisa aprazível, a navegação!

(Outra onda invade o barco)

PILA *(Encharcado)* - Desconfie do Demônio e de suas tentações.

PAI UBU *(Sentando-se para beber)* - Senhor garçom, traga-nos bebida.

MÃE UBU – Ah, como é bom saber que em breve reveremos nossa doce França, os velhos amigos e nosso castelo de Maudragão.

PAI UBU – É, não vai demorar! Estamos passando pelo castelo de Elsenor.

PILA – Fico contente só de pensar de rever minha querida Espanha.

COTICA – Eu também, e vamos deslumbrar os compatriotas com a história de nossas maravilhosas aventuras.

PAI UBU – Oh, sem dúvida! Quanto a mim, serei nomeado mestre das Finanças em Paris.

MÃE UBU – Isso mesmo! Ui, que houve?

COTICA – Não é nada, é que acabamos de dobrar a ponta de Elsenor.

PILA – E agora cortamos velozmente as escuras ondas do Mar do Norte.

PAI UBU – Mar feroz e hostil que banha o país por nome Germânia, assim chamado porque os seus habitantes são primos germãos.

MÃE UBU – É a isso que eu chamo erudição. Diziam que é uma beleza de país.

PAI UBU – Sim, mas, por mais belo que seja, não se compara à Polônia. Se não houvesse a Polônia, não haveria poloneses.

FIM